

# O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

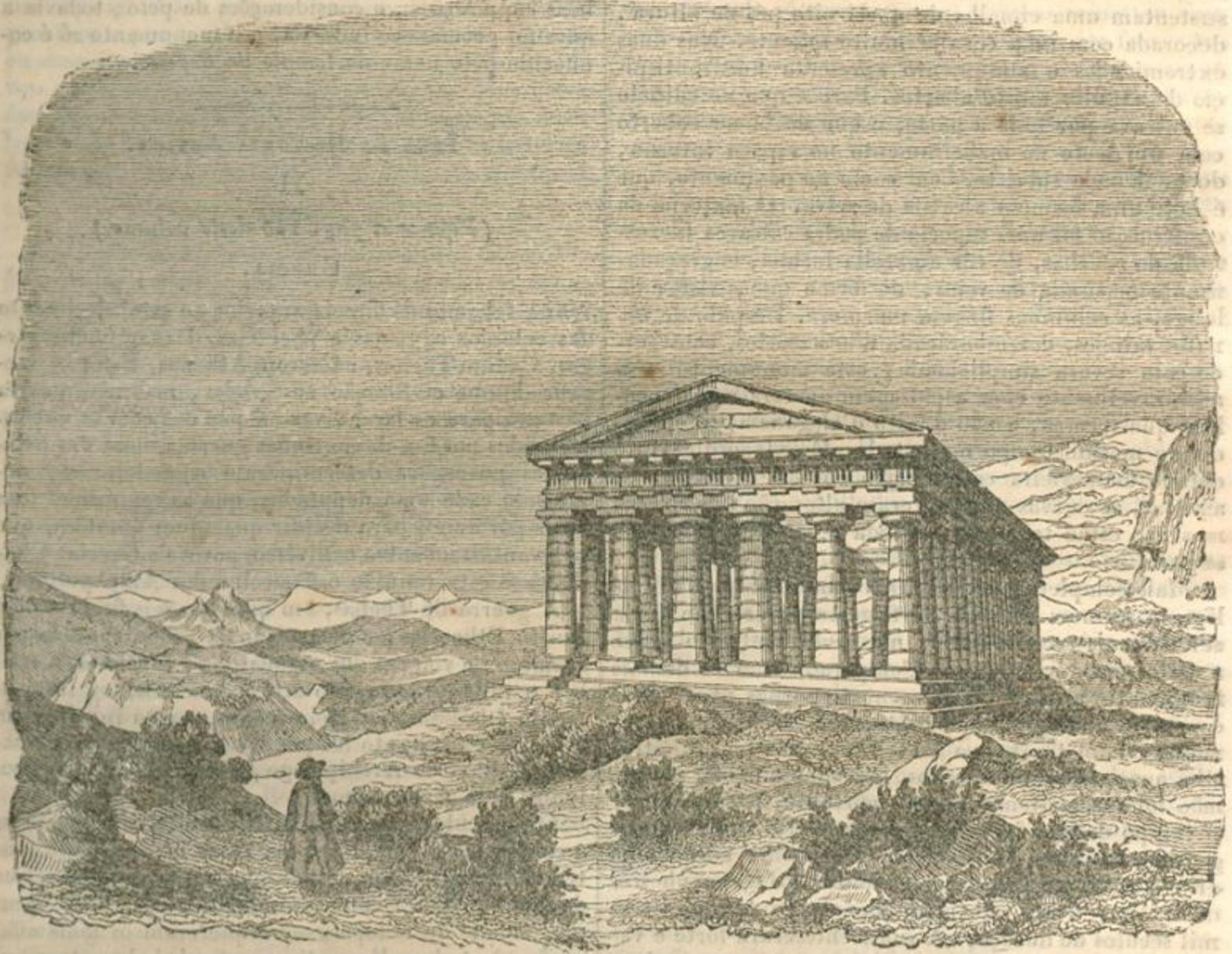
DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Utels.

79)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

(NOVEMBRO 3, 1833)



TEMPLO DE SEGESTO.

A DOZE leguas para o oeste de Palermo, a alguma distancia do mar, em um terreno escaldado, deserto, e assolado, divisam-se no fim d'um estreito desfiladeiro muitas pedras, em que ainda se reconhecem vestigios da industria humana, mas que hoje, soltas e dispersas, não podem indicar quaes monumentos formariam quando reunidas, e collocadas em seus logares. Apenas uma ruina se conservou em bom estado, por onde se póde julgar que pertencera a um theatro. Estes fragmentos, sem nome fixo, e com a vaga e popular designação de *Barbara*, são o que resta d'uma das mais poderosas e opulentas cidades da Sicilia [\*]. Fundada pelos companheiros d'Eneas, Segesto, nos primeiros seculos da era romana, emulava o poder e grandeza de Selinunto e Syracuse. Quasi tresentos annos antes da era christã, Agathocles, tyranno de Syracuse, querendo punir Segesto por ter entrado em alliança com os carthaginezes contra elle, a arrazou até os fundamentos; derribou-lhe as muralhas, fez horrivel carniceria nos habitantes, e, para perpetuar a memoria do tremendo castigo, impoz ás ruinas de Segesto o nome de *Dicæroca*, isto é, *cidade da vingança*. Porém os segestenses possuiam taes recursos, que em breve apagaram

os vestigios de tamanha calamidade, e a sua cidade, restituida ao nome antigo, recuperou o logar, que lhe competia na historia entre as mais afamadas d'Italia. Passados centenares d'annos de prosperidade, novo desastre a fulminou na epocha do estabelecimento dos sarracenos na Sicilia, e desta vez foi irreparavel, porque então a Italia estava esgotada de forças e de meios. Mettida a ferro e a fogo, Segesto nunca mais póde erguer-se; a acção do tempo pouco a pouco foi consummando a obra de destruição começada pelos homens; e faz pasmar em nossos dias como uma cidade tão celebrada deixou tão mingua-dos restos. Mas, até para fazer singular contraste, ao pé destas reliquias, tão acabadamente arruinadas, campêa o monumento mais magestoso, mais antigo, e mais bem conservado de toda a Sicilia.

Quem vae da praia para ás ruinas de Segesto cansa-se de ver penedos aridos, e charnecas semeadas de abrolhos e de tojos, e busca debalde indicios d'humanas habitações; eis senão quando subitamente, no alto d'um cabeço distante, dá com uma columnada magestosa, que avulta no horisonte. Este edificio está sobranceiro ao assento da antiga Segesto n'um promontorio cortado a pique por tres lados, e circumdado por uma torrente; é um parallelogrammo regular

(\*) Veja-se o Vol. 1.º a pag. 106, sobre a Sicilia.

de 175 pés de comprimento por 73 de largo, e consta de 36 columnas, doze em cada uma das faces mais extensas, e seis nas duas extremidades; todas d'ordem dórica, diminuindo insensivelmente na altura em forma conica, com 28 pés d'alto e 6 de diametro: os fustes, por uma especial extravagancia architectonica, são, para assim dizer, revestidos d'uma bainha, que termina uma moldura concava em baixo e em cima. Estas columnas collocadas sobre uma base continua sustentam uma cimalha de quasi oito pés de altura, decorada com uma cornija muito saliente. Nas duas extremidades o monumento apresenta um frontispicio de angulos muito abertos. Parece que no edificio se entrava por toda a parte, e que devia ser coberto com um tecto de madeiramento no espaço interno, do qual nada subsiste, bem como do pavimento, que é hoje uma formosa alcatifa de relva. O material da construcção foi uma especie de pedra calcarea incrustada de conchas, de cor amarella luzidia, engraçadamente matisada de veios, de forma que, vistas de longe, as columnas fingem marmore. Despido de ornatos miudos, desembaragado d'accessorios, construido com severa simplicidade, este monumento casa admiravelmente com a paisagem austera e melancolica que o cerca, e não é falto d'elegancia, ostentando ao mesmo tempo magestade. É extraordinario o estado de perfeita conservação em que subsiste; as arestas, as curvas não soffreram alteração; as columnas não estão tremidas, e toda a attitude é forte e segura.

Mais completa que os outros monumentos da Sicilia, a formosa reliquia de Segesto parece que devia ser de mais recente data; mas pelo contrario vence a todos em ancianidade. Comparada com os demais fragmentos antigos de diferentes epochas não se lhes encontra analogia; não pertence á architectura romana, nem tão pouco á architectura grega. Estranha aos outros monumentos, precedeu a todos, porque não foi sua contemporanea; portanto, para alcançar o tempo da sua fundação, é necessario subir á antiguidade fabulosa, e crer que este nobre edificio foi erecto pelos primeiros descendentes dos compauheiros de Eneas, e que por consequencia conta quasi tres mil seculos de duração. A sua architectura forte e varonil, diz um viajante, annuncia a arte no seu vigor primevo, e com toda a asperceza dos primeiros desinvolvimentos.

Se a idade desta obra é duvidosa, tambem o seu destino não é certo. Foi sem duvida um edificio religioso, um templo sob a invocação d'algum nume: mas ignora-se a qual d'elles os segestenses consagravam particular devoção, e quem foi o patrono tutelar da sua nascente cidade. Como seus antepassados foram capitaneados por Eneas, que diziam filho de Anchises e de Venus, os segestenses, conforme os archeólogos, deviam adorar esta deidade com preferencia a outra qualquer do Olympo; pelo que o templo seria consagrado a Venus. Outros eruditos, apoiando a sua opinião na situação do edificio, pensam que fóra destinado ao culto de Céres, porque os templos dedicados á deusa das searas eram vulgarmente assentados fóra do recinto das cidades, e no meio dos campos. Finalmente, segundo terceira interpetração, era Diana a divindade mais respeitada daquelles povos, e por isso neste templo deveria estar uma estatua, cuja historia chegou aos nossos tempos. Os carthaginezes, de alliados convertidos em inimigos, roubaram aos de Segesto a estatua de Diana; porém os romanos, vencedores de Carthago, a restituíram aos legitimos donos. Tinha porém de lhes ser roubada: o pretor Verres, cujo nome é por antonomasia o epitheto infamador dos governadores crueis e rapinantes, co-

mo o nome de Nero o é de todos os tyrannos, qui apossar-se daquelle thesouro. Os habitantes em peso recusaram concorrer para a consummação do sacrilegio; e quando operarios estrangeiros arrancaram, e levaram a estatua, todo o povo derramando lagrimas a acompanhou por longo espaço pelas margens do Simois. Este attentado de Verres, foi dos que Cicero fulminou com mais eloquencia.

As tres opiniões, que apontámos, estribam-se em boas supposições, e considerações de peso; todavia a questão permanece indecisa, e o monumento só é conhecido pelo nome de *templo de Segesto*.

#### IDEA DA HISTORIA ANTIGA.

#### II

(Veja-se a pag. 163 deste volume.)

#### GRECIA.

NADA sabemos da Grecia anterior ao estabelecimento das colonias egypcias e phenicias. Danao fundou Argos, Cadmo Thebas, e Cecrops Athenas. Estes trouxeram alguma civilisação aos gregos, mas não quanto bastasse para os fazer viver em paz uns com os outros. Cansados por fim de continuas guerras, doze das principaes povoações determinaram confederar-se, nomeando cada uma deputados, que se reunissem duas vezes por anno, para decidir quaesquer questões, que se levantassem entre os diversos povos da Grecia. Chamava-se esta reunião o Concelho dos Amphyctiões.

A guerra de Thebas, em que sete reis fizeram liga contra Etheocles: a destruição de Troia, cantada por Homero: a viagem dos argonautas á Colchida, a roubar o vello de ouro, são acontecimentos, ou inteiramente fabulosos, ou, pelo menos, muito involtos em fabulas. Entretanto foi por estas eras que se povoaram as ilhas do Archipelago, e se estabeleceram colonias pela Asia menor.

Oito seculos antes de Christo começaram os gregos a contar por olympiadas, que eram um espaço de quatro annos. A origem deste nome vinha dos jogos, que de remota data se começaram a fazer juncto de Olympia, cidade de Peloponeso, e que eram os mais affimados de todos. Era este povo mui dado a taes exercicios; durante os quaes havia uma paz geral, e ninguem cuidava senão em luctas, pugilatos, carreiras de cavallos, e espectaculos de toda a sorte. Esta paixão pelas festas publicas se perpetuou na Grecia, e chegou, nos dias do seu esplendor, a um excesso, que muito contribuiu para a sua ruina.

Os reis que ao principio governaram os gregos, os foram opprimindo pouco a pouco; mas cansados os povos de os soffrer desapressaram-se do jugo, e estabeleceram essas republicas, que ainda hoje causam admiração e enthusiasmo.

Spárta ou Lacedemonia foi a primeira que o fez. Deixando subsistir a antiga instituição, que tinha de dois reis simultaneos, creou um senado vitalicio para propor as leis ao povo, que as sancionava. Estabeleceram além disso os spartanos um tribunal de cinco membros, e de eleição popular, aos quaes chamaram *ephoros*. Estes julgavam e puniam sem appellação tanto os reis como os senadores. Lycurgo foi a cabeça desta revolução, e é a elle que os Lacedemonios deveram a maior parte das suas instituições.

As moraes foram as melhores possiveis para uma pequena republica, posto que seriam impossiveis n'uma grande nação. Tal era a comunidade de bens, e a educação publica das creanças. Os republicos, os reis e os magistrados comiam junctos á mesa do estado, sem distincção alguma. Os exercicios da moc-

dade eram violentísimos, mas tornavam-a robusta e esforçada. Parte destes exercícios entravam também na educação das mulheres, para que ellas podessem transmittir depois aos filhos uma boa constituição physica. Os celibatarios eram desprezados, porque, sendo o, não contribuiam para augmentar o numero dos cidadãos. Com estes e outros costumes se formou em Spárta uma republica de guerreiros quasi invencíveis. Lycurgo, prevendo que os laacedemonios se tornariam ambiciosos pela consciencia da sua força, lhes prohibiu o perseguir nas batalhas o inimigo vencido, ou despojar os mortos. Este pequeno estado conservou assim largos annos as suas virtudes. Mas passados dois seculos a falta de moderação começou a deshonra-los. Na guerra com os messenios elles exterminaram este povo, e assolaram inteiramente o seu paiz.

#### Athenas.

Posto que democratico, desde a morte do rei Coudro, este povo não apresenta, até o tempo de Solon, nada importante na sua historia. Este legislador deu á plebe o poder supremo, e aos nobres os cargos da magistratura; creou um senado apenas deliberativo e restituiu a seu primeiro vigor a auctoridade do areopago, instituição de Dracon, antigo legislador da Attica. O caracter dos athenienses se póde comparar ao dos francezes, turbulento, amigo da gloria e inconstante; assim veremos esta nação soffrer contente o despotismo de homens audazes, e depois não supportar a preponderancia de varões virtuosos.

Apenas tinha Solon estabelecido e regulado a liberdade, logo appareceu o usurpador Pisistrato, que dominou Athenas algum tempo. Morto elle, seus filhos Hiparco e Hippias lhe succederam no poder; mas o primeiro foi brevemente assassinado por dois cidadãos, Harmodio e Aristogiton, e o outro, tornado cruel com o medo de lhe acontecer o mesmo, foi expulso de Athenas como um tyranno. Então o povo recuperou a antiga liberdade. Desde esse tempo começa a emulação de Athenas e Spárta, e a gloria destas duas republicas.

Dario, filho de Hystaspe, de que já fallámos, reinava na Persia. Depois de ter subjugado os jonios, colonia grega na Asia menor, mandou embaixadores á Grecia para que lhe obedecessem, como a senhor. A maior parte das cidades submetteram-se; mas Spárta e Athenas recusaram faze-lo. Então cem mil persas passam o mar e invadem a Attica. Os athenienses com um exercito de onze mil homens, em que entravam mil soldados que lhes enviaram os de Platea, dão a batalha de Marathón, capitaneados por Milciades, e derrotam os inimigos. No dia seguinte chegaram os spartanos para apenas serem testemunhas só da victoria de seus alliados. A frota persa foi quasi toda queimada ou tomada pelos gregos, e Dario teve de ir outra vez exercer o despotismo com os seus antigos escravos da Persia, onde morreu, quando preparava segunda expedição contra a Grecia.

Seu filho Xerxes, que lhe succedeu, levou a cabo as intenções paternas. Segundo um historiador grego o exercito de Xerxes era de uns poucos de milhões de soldados; mas isto é por certo exaggerado.

Quando em Athenas se recebeu aviso destes preparativos, havia na cidade dois bandos oppostos, um dirigido por Aristides, outro por Themistocles. Ambos estes cidadãos eram virtuosos e cheios de amor de patria; mas Aristides mostrava-se aristocrata, e Themistocles popular. Assim o povo favoreceu o seu amigo, e Aristides foi desterrado, tornando d'ahi a pouco a ser admittido no seio da republica, por intervenção do seu generoso rival.

Os persas entraram com effeito na Grecia. The-

mistocles tinha creado em Athenas uma formidável marinha. Leonidas, rei de Spárta, procurou entretanto defender as Thermopylas, passo difficil, que Xerxes tinha de atravessar, e repelliu, apenas com quatro mil homens, o primeiro embate dos persas; mas estes, por caminhos torcidos, poderam appossar-se das cordas das montanhas. Leonidas, vendo que não podia defender por mais tempo aquelle passo, despediu do exercito todos os soldados que não eram filhos de Spárta, e ficando só com tresentos homens remetteu com estes contra os persas. Os heroes spartanos foram todos mortos ás mãos dos barbaros, e um que escapou não recebeu senão insultos e maldições do povo quando voltou a Laeedemonia, por não ter sabido morrer juncto dos seus camaradas.

Xerxes perdeu aqui vinte mil homens, porém continuou seu caminho para Athenas, e a ruina desta cidade era inevitavel, porque os habitantes do Peloponeso, onde estava situada Spárta, se resolveram a abandonar o resto da Grecia e defenderem-se na passagem do Isthmo de Corintho. Então Themistocles teve a arte de induzir todos os guerreiros athenienses a embarcarem a bordo da sua grossa armada e a despejarem Athenas, mandando os velhos as mulheres e as creanças para Trezene, cidade da Argolide no Peloponeso. Houve alguns cidadãos obstinados que se encerraram na fortaleza, onde se defenderam até serem sepultados nas ruinas della pelo exercito de Xerxes.

A armada grega, apesar de ser composta pela maior parte de embarcações dos athenienses, era capitaneada por Euribiades, spartano aspero, mas pouco entendido em cousas navaes. Em uma questão que teve com Themistocles, ácerca do logar em que deviam accometer a armada persa, Euribiades levantou um pau para dar em Themistocles. "Dá, mas ouve-me" — disse o atheniense. Estas palavras sublimes domaram o spartano, e elle cedeu a Themistocles, senão o nome de general, ao menos as suas prerogativas. A armada grega estava então juncto a Salamina, ilha que fórma com a terra um estreito assaz acanhado. Themistocles fez espalhar entre os inimigos que a frota dos gregos tractava de fugir d'alli, antes que a dos persas a accomettesse. Estes caíram no laço, e vieram demanda-la. Colhidos a sotavento pelos republicanos foram os navios do grande rei quasi todos tomados ou mettidos a pique. Xerxes que de terra estivera vendo o combate teve de fugir com o receio de que os gregos lhe destruíssem a ponte de barcas, que tinha lançada no Hellesponto; e acolhendo-se a Sardes, capital da Lidia na Asia menor, deixou Mardonio, seu general, com 300 mil homens, para continuar a guerra. Esta brevemente acabou com a batalha de Platea, na qual os gregos capitaneados pelo spartano Pausanias, anniquilaram o exercito inimigo. Xerxes vendo tudo perdido fugiu de Sardes, que primeiro fez queimar, talvez para deixar uma pequena prova do governo paternal que elle preparava aos povos que pertendia subjugar.

Findos os perigos externos começaram as dissensões interiores na Grecia. Os athenienses pertendiam reedificar a sua cidade, e os spartanos temendo o engrandecimento daquella potencia maritima, oppozeram-se a isto sob o pretexto de que ficando fóra do Peloponeso onde só os gregos podiam bem defender-se, viria Athenas a ser fortaleza e guarida dos invasores. Themistocles, porém, teve a habilidade de entrete-los, e quando elles quizeram prover no negocio, já Athenas estava edificada e fortalecida. Daqui se originou o longo odio destas duas republicas.

Haviam os gregos mandado uma frota a expulsar os persas que ainda opprimiam a Asia menor, e Pau-

saniás, o vencedor de Platea, fôra nomeado almirante della; mas corrompido já com os despojos dos persas, elle se tinha tornado brando e effeminado; por isso as republicas confederadas determinaram tiralhe o mando e da-lo ao atheniense Cimon, filho de Milciades, e a Aristides, os quaes eram capitães da armada de Athenas. Entretanto Themistocles ensoberbecido com a sua gloria se havia tornado odioso, e os athenienses o desterraram, e confiscaram as suas enormes riquezas. Aristides ficou então á frente dos negocios publicos, que dirigiu com zelo e integridade, morrendo pobre, mas cuberto de gloria, deixando em seu lugar Cimon, cujas virtudes e merito preencheram o vazio que a morte de Aristides causara.

Themistocles morreu desterrado na côrte de Artaxerxes Longomano, successor de Xerxes, aonde, expulso da Grecia, fôra buscar abrigo. Diz-se que morreu de veneno que tomou, vendo-se obrigado por Artaxerxes a dirigir uma expedição contra a sua patria. Apesar de seus erros elle não se tinha esquecido que era filho daquella republica.

Os de Athenas haviam soccorrido os egypcios revoltados então contra os persas que os dominavam. Artaxerxes sollicitou em Sparta uma guerra contra os athenienses; mas por este tempo um terremoto assolou a Laconia, os escravos levantaram-se, e os spartanos em vez de offender os habitantes da Attica, pediram-lhes soccorros, que foram concedidos por intervenção de Cimon, apesar de Pericles, de quem passamos a fallar, pertender dissuadir o povo disso. Cimon foi encarregado de capitanear o exercito auxiliar, e elle salvou os lacedemonios.

Este general virtuoso foi d'ahi a pouco injustamente desterrado. Pericles era então o idolo dos athenienses, e elle teve bastante patriotismo para fazer revogar uma sentença injusta que o livrava do seu competidor. Cimon, voltando, fez concluir a paz com Sparta, derrotou os persas que ameaçavam a Grecia, obrigou Artaxerxes a pedir treguas, que lhe foram concedidas com durissimas condições, e poz termo assim a uma guerra que havia durado mais de meio seculo. (Continuar-se-ha).



**BOLIVAR.**

Em 1783 nasceu, na cidade de Caracas, Simão Bolívar. Filho de paes nobres, foi mandado mui moço para Madrid a seguir os estudos: depois de alguns annos passados na capital da Hespanha, viajou por varias partes da Europa, e tendo-se demorado muito tempo em París, regressou a Madrid em 1802, onde casou com uma senhora nobre. Em 1809 voltou á provincia de Venezuela sua patria, e ahi viveu vida retirada por alguns mezes, até que a afflicção pela morte de sua mulher, que elle muito amava, o fez tornar á Europa, e daqui partir para os Estados-Unidos, donde outra vez voltou á patria com o general Miranda.

Foi por este tempo [Abril de 1810] que rebentou a revolução da America hespanhola, primeiramente em Caracas, e depois em Bogotá. Não se uniu Bolívar aos revolucionarios ao principio, apesar de ins-

tado por D. Felix Ribas seu primo; mas por fim aceitou a commissão de vir a Inglaterra pedir o auxilio do gabinete inglez para o partido da independencia. Achando, porém, o governo britannico resolvido a conservar-se neutral, tornou para Caracas. — Miranda tinha tomado o commando das forças revoltosas, e Bolívar foi nomeado coronel de Porto-Cabello, que era a principal praça de Venezuela. Victorioso até o anno de 1812 o partido da independencia decaiu com o celebre terremoto em que morreram mais de 20:000 pessoas, em Caracas, La Guayra e Merida. Este acontecimento, succedido no mesmo dia, em que havia dois annos antes tinha rebentado a revolução, fez crer ao povo que era um castigo do ceu, por se haverem rebellado contra Fernando 7.<sup>o</sup> — Vencedores os realistas em toda a parte, Porto-Cabello lhes caiu nas mãos por traição, e Bolívar teve que fugir e ace-

lher-se na casa que possuía juncto de Caracas. A entrega da fortaleza de Porto-Cabello, obrigou o general Miranda a capitular com os realistas; e dizem que por intervenção de Bolívar fora entregue aos hespanhoes, que o trouxeram para Hespanha, e o sepultaram no fundo de um carcere. Bolívar, por especial favor do general hespanhol Monteverde, obteve um passaporte para Curaçao, colonia holandeza nas Antilhas, onde viveu com seu primo Ribas aquelle outono. Entretanto os realistas, senhores de Venezuela, commettiam toda a casta de atrocidades; e foi isto o que lançou inteiramente Bolívar na causa da independencia. Tendo podido arranjar uma pequena expedição com a ajuda de Ribas e de Castilho, primo do presidente da republica da Nova-Granada, atacou os realistas em Tenerife, no rio de Magdalena, e derrotando-os, seguiu avante com prosperos successos em varios recontros, de modo que pôde augmentar o seu pequeno exercito com alguns centenaes de voluntarios. Cobrando com isto animo, traçou resgatar Venezuela, e dirigindo-se primeiro a Bogotá, onde recebeu valiosos soccorros do Congresso da Nova-Granada, atravessou os Andes, entrou em Venezuela, derrotou os realistas em varias partes, e tomou posse de toda a provincia de Varinas. Castilho, por inveja, ou por outro qualquer motivo, separou-se então d'elle e conduziu as suas tropas para Tunja na proximidade de Bogotá: mas levantando-se em corpo toda a provincia, o exercito de Bolívar cresceu a ponto, que se poderam formar duas divisões: tomou Ribas o commando d'uma, Bolívar o de outra; e ambos, por diferentes caminhos, e com marchas rapidas, se aproximaram a Caracas. Foi de Merida que os independentes publicaram o celebre manifesto, em que declaravam guerra de morte aos realistas, cujas crueldades deram causa a esta feroz medida. Depois de varios combates, Bolívar entrou em Caracas, onde foi recebido como um salvador; a ponto de ser conduzido em um carro triumphal, puchado por dōze raparigas de principaes familias, vestidas de branco e adornadas com as cores nacionaes. Os realistas tiveram de capitular em toda a provincia, e o triumpho foi completo. Bolívar tomou então o titulo de dictador e libertador da banda occidental de Venezuela, titulo, que tambem tomara Marino na banda oriental da mesma provincia. Reunidos nas suas mãos todos os poderes do estado, o dictador declarou que nenhum mal se faria aos realistas por causa das suas opiniões politicas; mas o procedimento violento dos officiaes republicanos fez sair muitas familias para as ilhas visinhas. Revestido o Dictador dos tres poderes, legislativo, executivo, e judicial, começou a tornar-se odioso ao partido democratico, que o accusava de que o seu intento unico era engrandecer-se. Sabendo isto, elle pediu a sua demissão ao Congresso de Caracas reunido em Janeiro de 1814. Conservaram-lhe todavia aquelle titulo, e auctoridade, apesar da sua petição, porque havia ainda a favor d'elle grande enthusiasmo, e tambem porque os realistas começavam a reunir as suas forças, armando ao mesmo tempo os pretos; terrivel expediente, na verdade, mas de que deviam tirar grande vantagem.

A guerra começou d'ahi a pouco. Os realistas partindo do Orinoco saltaram os independentes em varias partes passando-os todos ao fio da espada, sem perdoarem a mulheres, nem a creanças. O general Puy, preto ferocissimo, assassinou uma avultada porção dos habitantes de Varinas. Bolívar, em vingança, mandou espingardear 300 hespanhoes, presos por sua ordem em La Guayra e Caracas. Depois disto nunca mais os independentes reccorreram a este meio de conter os realistas, apesar de estes continuarem no seu syste-

ma de exterminio. Durou largo tempo a guerra. Apoz varias victorias, Bolívar foi emfim vencido, com grande perda, em Lapuerta, e depois em San-Matteo, onde esteve a ponto de cair nas mãos da legião infernal do general Boves, composta de pretos, e onde foram dispersas as tropas que lhe restavam. Ribas foi aprisionado e espingardeado, e Bolívar fugiu a custo para Carthagená com o dictador da Venezuela oriental, Marino. Recebido com grande respeito pelo congresso republicano da Nova-Granada, brevemente foi empregado Bolívar em diversas facções militares; mas entrando em desavenças com outros generaes, e obrigado pelos seus soldados a voltar as armas contra Carthagená, sabendo da chegada de Morillo, que desembarcára com 12:000 hespanhoes, mandados pelo governo d'Hespanha, depois da paz geral, retirou-se para a Jamaica. Durante a sua ausencia, Morillo poz a ferro e fogo as duas republicas de Nova-Granada, e Venezuela, espingardeando uns, enforcando outros, e commettendo toda a casta de barbaridades. Entretanto procuraram os hespanhoes fazer assassinar Bolívar; mas elle escapando em Kingston ao punhal de um assassino, partiu para o Haiti, onde reuniu algumas forças com que depois de estar na ilha Margarita appareceu em Cumana, em Maio de 1816. Cercado pelos realistas foi derrotado com grande perda em Ocumare, sendo obrigado a acolher-se outra vez no Haiti. Em Dezembro desse mesmo anno desembarcou em Barcelona, e pôde reunir sufficientes forças para esperar Morillo, que vinha contra elle com um numeroso exercito. Encontraram-se: durou tres dias a batalha, no fim da qual Morillo teve de fugir, e sendo salteado na retirada pelos ferozes llanceros [\*] do general Paez, foi inteiramente derrotado. Continuou, comtudo, a guerra algum tempo, levando Bolívar a melhoria, e sendo outra vez reconhecido por chefe supremo, e capitão-general. Em Fevereiro de 1819 o congresso da republica de Venezuela se reuniu em Angostura, e tornou a confirmar a auctoridade de Bolívar, com o titulo de presidente em quanto os hespanhoes não fossem inteiramente expulsos daquelle territorio. Nesse mesmo anno, marchou Bolívar para a Nova-Granada em soccorro do general Santander, e ganhando, depois de varios recontros, a decisiva victoria de Bójaca, livrou inteiramente dos hespanhoes aquella republica, cujo congresso o nomeou tambem presidente e capitão-general. Entretanto em Angostura, o general Arismendi tinha ganhado partidarios, e formado uma facção no congresso, a qual accusava Bolívar de levar a mira na tyrannia; mas elle, voltando com 3000 homens escolhidos a Angostura, pacificou as dissensões; e fazendo conhecer que o que pretendia era que houvesse um governo forte, em quanto se não expulsavam de todo os hespanhoes, conteve os facciosos, e Arismendi foi desterrado. Então se convocou um congresso geral das duas provincias de Venezuela e Nova-Granada, e em Dezembro de 1819 se publicou um decreto pelo qual se mandava que estas duas republicas formassem uma só debaixo da denominação de Colombia. Depois disto, como era de esperar, Bolívar foi eleito presidente.

[Continuar-se-ha.]

#### A LIGA HANSEATICA.

A LIGA hanseatica offerece um caso unico na historia da Europa: cidades poderosas ligando-se não para guerrearem outros povos, mas para fazerem prosperar o commercio. Vê-se esta alliança pacifica formada no meio das mais espessas trevas dos tempos

(\*) Habitantes dos Pampas, Vide a pag. 102 do 1.º Vol.

de barbaridade, durar por muitos seculos, passar incolume no meio das revoluções, das luctas, do augmento ou decadencia dos proprios paizes, a que pertenciam as cidades que a formaram: vêem-se estas corporações de negociantes saberem fazer-se respeitar pelos tyranos feudaes, e depois deffenderem-se da oppressão dos reis, e das correrias dos ladrões e piratas, subindo assim a incrível gráu de prosperidade e riqueza.

Começou esta formidavel liga por um tractado entre Hamburgo e Lubeck no anno de 1241, para mutuamente protegerem os respectivos commercios. Os hamburguezes tomaram a seu cargo guardar dos ladrões a estrada entre o Trave e a sua cidade, e ao mesmo tempo impedir que o rio Elba fosse infestado por piratas: os habitantes de Lubeck, pela sua parte obrigavam-se a pagar metade das despesas que se fizessem com este serviço, que era de utilidade commun. Estipulou-se egualmente, que em todas as materias conducentes ao augmento e vantagens das duas cidades, se consultariam uma á outra; e, finalmente, que reuniriam as suas forças para de commun accordo sustentarem os seus direitos civis, privilegios, e exempções. Eis qual foi, segundo a opinião mais seguida, a origem da Liga Hanseatica.

Difficultoso é o saber qual seja a etymologia da palavra Hansa: uns a derivam das palavras alemans *an see* que significam *juncto ao mar*, e isto, porque a principio a alliança se limitou a cidades maritimas: outros, com maior apparencia de probabilidade, a derivam do verbo saxonio *hanseln*, que sôa como *admittir á sociedade*.

O exemplo de Lubeck e Hamburgo foi logo seguido por um não pequeno numero de cidades commerciaes, que entraram na confederação para mutuamente se defenderem e sustentarem. As diversas cidades que entraram nesta associação estavam distantes umas das outras, e eram sujeitas a differentes governos; mas como a confederação teve o seu principio naquella porção das costas do mar Baltico, onde antigamente habitaram os vandalos, as seis cidades commerciaes, que jaziam dentro daquelles limites, estavam ligadas por mais estreita alliança: eram estas Lubeck, Hamburgo, Rostock, Wismar, Stralsund, e Luneburgo, as quaes se conheciam na idade media pela denominação de cidades vandalias. Duas dellas, a saber, Rostock e Wismar, eram sujeitas ao duque de Mecklemburgo. Além das cidades do Baltico, e de outros districtos da Alemanha, a liga hanseatica se estendia a Antuerpia, Dort, Amsterdam, Bruges, Ostende, e Dunkerque, nos Paizes-Baixos; a Londres, em Inglaterra; a Calais, Ruão, S. Maló, Bordeus, Bayonna, e Marselha, em França; a Barcelona, Sevilha, e Cadiz, em Hespanha; a Lisboa, em Portugal; a Leorne e Napoles, na Italia; e a Messina na Sicilia. Durante o periodo mais florido desta liga, tinham os hanseaticos quatro feitorias para a direcção dos seus negocios, e venda das suas mercadorias; uma em Londres, outra em Berghen na Noruega, outra em Novogorod na Russia, outra, emfim, na cidade de Bruges em Flandres. Esta alliança, formada a principio unicamente com o intento de deffender o commercio das pilhagens dos salteadores e piratas, gerou com o correr dos tempos uma republica formidavel, que, desvairada pela prosperidade, encheu o norte da Europa de terror, e se atreveu a declarar guerra aos maiores potentados. Começando, porém, os reis de Inglaterra, França, Hespanha, Suecia, Dinamarca &c. a estabelecer companhias commerciaes nos respectivos estados, durante os seculos 15.<sup>o</sup> e 16.<sup>o</sup>, prohibiram aos seus vassallos que tornassem a entrar nesta confederação. Em consequencia desta prohibição, o poder das cidades hanseaticas diminuiu muitissimo.

Continuaram, todavia, a conservar a alliança, e acrescentaram novos regulamentos ás suas antigas leis; um dos quaes ordenava que fossem excluidas da associação todas as cidades que não fossem situadas n'Almanha, ou dependentes do imperio. Desde esta epocha a confederação foi em decadencia, e agora [1769] se acha reduzida ás cidades de Lubeck, Hamburgo, Bremen, Rostock, Dantzick, e Colonia. Á frente della está Lubeck, onde se reúnem as assembléas da Liga, e se guarda o thesouro destinado para o serviço commun. As assembléas ordinarias reúnem-se de tres em tres annos, e as extraordinarias só em occasiões muito importantes. — *Nugent. Historia da Vandalia.*

#### CONSELHOS D'UM ARTISTA A SEU FILHO NO MOMENTO DE ESTE SE IR EMBORA DA SUA TERRA.

FILHO! um bom officio é um thesouro; possuindo-o não has-de individuar-te; e com cinco réis na algibeira, podes ter-te em conta de rico por toda a parte.

O geral dos obreiros sustentam-se cada dia do que nesse dia ganham, e não cuidam em aperfeiçoar-se, o que só se alcança correndo terras. Mas para viajar com proveito é preciso ver tudo e perguntar sempre: *para que serve isto? como se faz isto?* Se não queres seguir esta regra deixa-te ficar em casa: o que verás por esse mundo fóra será, homens com dois braços e duas pernas, arvores com folhas verdes; casas com paredes caiadas; e para ver isto não é necessario que te bulas daqui.

Assim como, muitas vezes, quem vê caras vê corações, do mesmo modo ha povoações que ao primeiro aspecto se póde avaliar o que serão.

Quando vires em qualquer povoado muitas tabernas, assenta logo que ali ha pouca economia, pouca paz em casa, e muitos madraços: naquelles em que não achares os lavradores no campo ao romper d'alva, conta que os has-de achar na taberna antes do pôr do sol: terra em que ouvires repicar muito os sinos, sabe que deves entrar nella com a algibeira quente, se tens tenção de dar esmola a todos os mendigos que encontrares.

Cidade onde rodarem muitas seges de dia, e que não tiver candieiros para a allumiarem de noite, podes compara-la a uma destas namoradeiras desmazeladas, que andam muito arrebicadas e trazem a camisa suja e esfarrapada.

Em terra na qual não hajam leis, conta com o teu braço para te defenderes: naquella em que vires pregados por todas as esquinas decretos, posturas, editaes, guarda-te dos escrivães e dos maisins.

Onde vires muitas raparigas pallidas e magras, sabe que ali dançam mais do que trabalham: onde vires assembléas ao dia de semana precata-te contra as fallencias dos mercadores.

Nunca julgues da devoção de qualquer cidade pelo numero que tiver de torres de sinos, nem pelo luxo das suas egrejas: não julgues dos haveres de ninguém por trazer bom ou máu fato, nem do vinho de qualquer hospedaria pela taboleta. A verdadeira piedade é singella: os mais ricos são, a maior parte das vezes, os mais modestos no trajar; e o bom vinho não precisa de taboleta para ter freguezes.

Onde os camponezes forem grosseiros, e a ninguém derem os bons dias, assenta de pedra e cal que os bois fazem melhor a sua obrigação na mangedoura, do que o mestre na eschola: onde vires que o povo cumprimenta humilissimamente toda a gente de casaca, não te demores: ha ali, por força, algum tyranno que o opprime.

Para saberes se uma cidade é grande ou pequena

não precisas de corre-la toda em volta, ou de subires a uma eminencia; repara só se na rua a maior parte das pessoas se cortejam umas ás outras. Quantas mais barretadas vires, mais pequena é a povoação.

Se chegares a um paiz, onde haja boas estradas, sombreadas d'árvores, principalmente de fructa; onde não se vejam campos por arrotear, nem terras devolutas; onde o estrangeiro receba gasalhado; onde os mendigos não atulhem quantos becos houver; em que os mais sumptuosos edificios sejam escolas e hospitaes, fica ahí, filho! — Estás em terra de gente, bem inclinada, e com o juizo no seu logar.

Se, pelo contrario, vires choças miseraveis, de roda de formosa quinta, e soberbo palacio, safate de pressa: chora-se por ahí muitas vezes.

Paro aquí, apesar de te não ter dicto tudo; mas isto basta para te saberes reger.

Toma sentido: pergunta muito; responde claro e breve; finge-te mais ignorante do que és, e em toda a parte acharás quem, de bom grado, te ensine. Louva tudo o que achares digno de louvor: mas não reprehendas tudo o que achares reprehensivel. Sê, em quanto perigrinares, laborioso, poupado, callado, e perseverante; mostra robustez de animo nos grandes apertos, e paciencia sempre; conta, enfim, que se depois disto voltares á tua terra, então descansarás, amado e reverenciado por todos.

#### VIVER SEM COMER.

ENTRE todos os adagios populares talvez nenhum pareça tão certo como este que tantas vezes temos occasião de repetir, principalmente no tempo presente: *sem comer é que se não póde viver.* Póde, sim! E se até este adagio falha, qual não terá excepções?

Já no tractado de Medicina legal de Paulo Zachias se encontram apontados varios casos de pessoas que viveram largos annos sem comer. Para muita gente passou isto por fabula; mas exemplos modernos e incontestaveis teem provado a possibilidade daquelles antigos casos.

De dois delles temos noticia succedidos no nosso paiz e tempo: um no Porto, e outro em Elvas: duas mulheres que teem existido por annos mettidas em cama, sem tomarem alimento algum, salvo o comungarem de tempos a tempos. Não sabemos se ambas ou alguma dellas ainda vive.

Em um periodico que saía em Madrid pelos annos de 1797 ou 98 com o titulo de *Miscellanea Instructiva*, se lê a historia de uma certa Joanna Macleod, que então contava 33 annos de idade, a qual de quinze annos tivera um ataque de convulsão epileptica, de que ficou doente, com varios accidentes, até que veio a estado de nada comer, cerrando-se-lhe tenazmente os queixos, e vivendo assim 10 annos, sem evacuações de especie alguma, encolhida com os joelhos á boca, sem movimento algum externo, dormindo muito, e dando, ao acordar, vagidos como uma creança recém-nascida. No mesmo periodico se refere o caso semelhante de outra mulher, em que havia a unica differença de poder fallar, e de conservar desembaraçadas as facultades intellectuaes.

No *Bulletin de Medicine* publicado em París, no mez d'Outubro de 1814, o celebre Chaussier cita a historia de uma rapariga que viveu onze annos, sem tomar substancia alguma nutritiva. Indo elle vela, achou-a na cama, pallida, fraca, e encolhida á maneira d'um feto no ventre materno. Affirmaram varias pessoas a Chaussier que este estado em que ella se achava fôra consequencia de penosos trabalhos, e de uma paixão desgraçada. Mais factos semelhantes

se poderiam apontar; mas contentar-nos-hemos com um que nos excitou a escrever este artigo.

O Dr. D. J. V. de Montes, professor de physiologia e hygiena na universidade de Santiago acaba de publicar um folheto com o titulo de *Historia razonada de Josefa de la Torre.* Vem a ser o livro a noticia de certa mulher das visinhanças de Santiago, que sendo já casada, e com filhos, soffreu aos 33 annos uma grave doença em consequencia d'uma grandissima constipação, no fim da qual [em 1808] chegou a estado de nada comer, salvo o comungar todos os mezes e em algumas festividades do anno. Desde aquella epocha até hoje nunca mais se buliu de um logar, ou mudou de postura: conservou a brancura da tez, e o rosto não extremamente magro, nem pallido. No corpo só lhe resta a pelle e o osso; tem o ventre unido ás costas, a cabeça inclinada sobre o peito, os joelhos juncto da barba, e uma das mãos sobre o peito: a sua respiração é lenta, suave, e nasal as mais das vezes. Está inteiramente cega, e com as palpebras pendentes: ouve bem, mas tem fraquissimo olfacto, e nenhum, ou quasi nenhum tacto. Falla; e as suas potencias intellectuaes são regulares. Os movimentos do pulso são debeis, languidos, e incertos. Ás vezes está n'uma especie de torpor mental, e ainda que a chamem, não responde; outras, está esperta, e exprime-se desembaraçadamente. Em tempo de excessivo frio mostra-se anciada, e no de demasiado calor quebrantam-se-lhe tambem muito as forças vitales.

O arcebispo de Santiago fez em 1827 todas as indagações possiveis para achar com certeza se ella recebia de algum modo alimento; e de todos esses exames resultou que, em verdade, vive sem provar ha tantos annos a menor porção de substancia alimentar alguma.

O erudito auctor do folheto que temos diante de nós, depois de narrar este admiravel successo, prosegue com observações physiologicas sobre o modo porque é possivel viver sem alimento. Apesar de serem muito interessantes essas observações, por demasiado extensas e profundas nos abstemos de as transcrever neste logar.

#### O HOMEM PÓ.

EM que nos distinguimos os vivos dos mortos? Os mortos são pó, e nós tambem somos pó. Em que nos distinguimos uns dos outros? Distinguimo-nos os vivos dos mortos, assim como se distingue o pó do pó. Os vivos são pó levantado; os mortos são pó caído: os vivos são pó que anda; os mortos são pó que jaz. Estão essas praças no verão cubertas de pó: dá um pé de vento; levanta-se o pó no ar: e que faz? O que fazem os vivos, e muito vivos. Não aquietam o pó, nem póde estar quedo: anda, corre, vóa: entra por esta rua, sae por aquella: já vae adiante; já torna atraz: tudo enche, tudo cobre, tudo envolve, tudo perturba, tudo toma, tudo cega, tudo penetra; em tudo, e por tudo se mette, sem aquietar, nem socegar um momento, em quanto o vento dura. Acalmou o vento, cae o pó, e onde o vento parou, alli fica; ou dentro de casa, ou na rua, ou em cima de um telhado, ou no mar, ou no rio, ou no monte, ou na campanha. Não é assim? — Assim é. E que pó, e que vento é este? O pó somos nós: o vento é a nossa vida. Deu o vento, levantou-se o pó: parou o vento, caíu. Deu o vento, eis o pó levantado; estes são os vivos. Parou o vento, eis o pó caído; estes são os mortos. Os vivos pó; os mortos pó: os vivos pó levantado; os mortos pó caído: os vivos pó com vento, e por isso vão; os mortos pó sem vento, e por isso sem vida.

de. Esta é a distincção, e não ha outra. — *Vieira.*  
Serm.

GAZETA DA CHINA.

ENTRE as cousas notaveis da China, uma das mais curiosas é uma gazeta diaria que se publica em Pekim. Limita-se este papel a dar relação de negocios domesticos, principalmente da boa ou má administração dos magistrados; mas a circumstancia mais digna de se mencionar a respeito deste periodico é que se os redactores affirmarem por certo o que é duvidoso, escreverem de má fé alguma falsidade, ou fizerem alguns commentos aos successos que narram, teem pena de morte. No anno de 1726 foram justigados dois redactores por haverem publicado embustes. Se cá pela Europa se promulgasse esta lei, quantos periodicos haveria dentro de 15 dias?

A LYRA.

São tão frequentes, principalmente em obras poeticas, as allusões á lyra, apesar de não existir já este instrumento, que não nos parece desacertado dar aqui uma resumida idéa d'elle, segundo o que se póde colher dos escriptores e monumentos antigos.

A lyra, do effeito de cujos sons tantas maravilhas e fabulas se contam, era um instrumento musico, composto d'uma caixa ou tambor, sobre o qual passavam umas cordas, provavelmente collocadas como as cordas de uma harpa ou de um salterio [\*]. Não podemos dizer que se parecia com uma viola, porque o braço desta lhe dá uma superioridade de que os antigos não tinham idéa nenhuma. O tocador da lyra tinha na mão direita um arco como o de rebecca, porém mais curto, e um par de dedaes no polegar e index da mão esquerda: com estes vibrava uma das extremidades da corda, para tirar um som agudo, e immediatamente tocava com o arco. Outras vezes corria alternativamente as cordas, e fazia que vibrassem em cheio. Este modo de tocar mudou com o augmento successivo do numero das cordas, cada uma das quaes dava differente som. Entre os romanos, no tempo de Augusto, a lyra tinha sete cordas; na sua origem, entre os gregos, tinha apenas tres.

ETYMOLOGIA DE NOVEMBRO.

RECEBEU este mez o nome, que ainda conserva, do logar que occupava no calendario de Romulo, no qual era o nono. Desde o tempo, porém, de Numa até hoje ficou sendo o undecimo. Neste mez celebravam os romanos as festas *Neptunae* e os *Jogos plebeus* que duravam tres dias. Desde o dia 21 até o 24 celebravam as *Brumae*, ou festas do inverno. A 27 faziam sacrificios mortuarios aos manes dos gallos [francezes] que depois de vencidos tinham sepultado vivos em um dos mercados de Roma.

A representação allegorica deste mez consiste em um homem com um vestido variegado de verde e preto, coroado de perpetuas, e com um molho de nabos, cenouras, e mais raizes fusiformes, na mão. Costumam tambem pintar á esquerda desta imagem o signo de Sagittario, em que o sol entra no dia 22 do mez.

(\*) Cumpre não confundir o *psalterio* dos hebreus com o *salterio* moderno. Deste faz o nosso Moraes a seguinte descripção: "Instrumento musico quasi triangular, com tampos de pinho, e dois olhos, ou bocas; tem varias series de arames e de ferro de varios longores e grossuras: toca-se com as unhas do indice e pollegar: usa-se muito no Brasil; tem caravelhas como as do cravo."

- 1102 — O conde D. Henrique derrota o rei motro de Lamego, a que se seguiu a conquista daquelle cidade.
- 1340 — Batalha do Salado, em que os exercitos portuguez e castelhano reunidos, aquelle debaixo do mando d'el-rei D. Affonso 4.<sup>o</sup> de Portugal, e este capitaneado por Affonso 11.<sup>o</sup> rei de Castella, desbarataram o mais numeroso exercito de mouros que viu a Hespanha.
- 1746 — A cidade de Lima no Perú é arrasada por um terremoto. 29
- 1526 — Pedro Mascaranhas, capitão de Malaca, ataca os reis de Bintão e de Pam destruindo-lhes a cidade, e a armada muito mais numerosa do que a portugueza.
- 1745 — Morte de Jonathan Swift auctor das *Viagens de Gulliver* e de outras muitas obras. Tinha nascido em Irlanda em 1667.
- 1783 — Morte de João-le-Rond-d'Alembert. Tinha sido exposto recém-nascido. Foi um dos geometras e philosophos mais notaveis do seculo passado. 30
- 1803 — Os francezes saem da ilha de S. Domingos: os pretos ficam senhores della, e elegem para seu chefe a Dessalines.
- 1828 — O general Maison toma o castello de Moréa. Esta conquista acabou de libertar o solo da Grecia. 31
- 1345 — Nasce em Coimbra o infante D. Fernando, filho d'elrei D. Pedro 1.<sup>o</sup>, e depois rei de Portugal, 1.<sup>o</sup> do nome. No mesmo dia, em 1391, nasceu em Vizeu o infante D. Duarte, filho de D. João 1.<sup>o</sup>, e depois rei de Portugal.

Novembro 1

- 1112 — Morte do conde D. Henrique. No mesmo dia, em 1130, falleceu a rainha D. Tareja sua mulher. Jazem ambos na sé de Braga.
- 1525 — Christovam Jacques descobre a provincia da Bahia.
- 1538 — Depois d'um furioso assalto levantam os mouros o primeiro e memoravel cerco de Diu.
- 1559 — Ereccção da universidade jesuita de Evora.
- 1682 — Fallece em Lisboa o celebre Antonio de Sousa de Macedo, auctor da *Lusitania Liberata*, da *Eva e Ave*, do livro *Flores d'Hespanha e Excellencias de Portugal*, e de muitas outras obras.
- 1755 — Horrivel terremoto em Lisboa. 2
- 1529 — Lopo Vaz de Sampaio, com uma armada de seis galeões e treze navios ligeiros, derrota a do Samorim composta de cento e trinta velas. 3
- 1814 — Abertura do congresso de Vienna para a pacificação geral da Europa, depois da queda de Napoleão.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo N.<sup>o</sup> 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.